

MASCULINO E FEMININO? A CATEGORIA GRAMATICAL DE GÊNERO E A TEORIA DO VALOR.

JANE RAMOS DA SILVEIRA

(PROGRAMA DE DOUTORADO EM LINGÜÍSTICA – UNICAMP
MEMBRO DO GRUPO DE PESQUISA EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM)

RESUMEN: Este artículo surgió concomitantemente con nuestra investigación de doctorado, en el cual procuramos reflexionar sobre la cuestión de la diferencia sexual en la trayectoria del niño por el lenguaje. En este estudio, en el análisis de episodios de habla que apuntan el trabajo de elaboración psíquica del niño en la sustentación de una posición sexuada, el género gramatical comparece de manera insólita, dando a ver, en el funcionamiento de la lengua, el modo cómo la diferencia sexual es concebida por el niño, en ese momento del proceso de subjetivación. Así, en la perspectiva abierta por el tema saussuriano, *El legado de Ferdinand de Saussure sobre la subjetividad y lenguaje*, pretendemos, en este artículo, reflexionar sobre la teoría del valor y sus efectos en relación a la categoría gramatical, en especial sobre la distinción gramatical de masculino y femenino. Así, comenzaremos por apuntar la distinción entre valor y significación y para la aproximación entre unidad y hecho gramatical, teniendo como referencia los estudios de F. Saussure, R. Jakobson, J. Hjelmslev y A. Meillet. Al final, al discurrir sobre el sujeto hablante, apuntaremos, mismo que de forma breve, hacia la hipótesis que se articula a nuestro estudio en adquisición de lenguaje, que la diferencia sexual está, por definición, en el vacío que se le escapa al sujeto.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nosso interesse na categoria gramatical de gênero surgiu concomitantemente com nossa pesquisa de doutorado¹, em que procuramos refletir sobre a questão da diferença sexual na trajetória da criança pela linguagem. Neste estudo, na análise de episódios de fala que apontam para a elaboração psíquica da criança na sustentação de uma posição sexuada, o gênero gramatical comparece de maneira insólita, dando a ver, no funcionamento da língua, o modo como a diferença sexual é concebida pela criança nesse momento do processo de subjetivação.

Assim, na perspectiva aberta pelo tema saussuriano, *El legado de Ferdinand de Saussure sobre la subjetividad y lenguaje*, pretendemos, neste artigo, refletir sobre a teoria do valor e seus efeitos em relação à categoria gramatical, em especial sobre a distinção gramatical de masculino e feminino. Para tanto, começaremos por apontar para a distinção entre valor e significação e para a aproximação entre unidade e fato gramatical, tendo como referência os estudos de F. Saussure, R. Jakobson, J. Hjelmslev e A. Meillet. Ao final, ao

¹ Tese de doutorado, ainda em curso, desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação de Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

discorrer sobre o sujeito falante, apontaremos, ainda que brevemente, para a hipótese que se articula ao nosso estudo em aquisição da linguagem, qual seja, que a diferença sexual está, por definição, no vazio que escapa ao sujeito.

Saussure, em uma passagem dos *Escritos de Lingüística Geral*, diz que a Lingüística é posta à parte de outros domínios das ciências porque os elementos da linguagem não têm realidade em si, isto é, jamais tem existência fora da diferença fundamentalmente negativa de dois termos, ao contrário, por exemplo, de uma substância química ou de uma certa espécie zoológica que existem independentemente de entidades da mesma ordem. Ao romper com a positividade da unidade lingüística, a partir das noções de negatividade e de diferença, o autor faz notar seu efeito em relação à conceituação dos fenômenos lingüísticos. Cito o autor:

Todas às vezes que, numa ramificação qualquer da lingüística, e recorrendo a um ponto de vista qualquer, um autor se dedica a uma dissertação sobre um assunto de “fonética”, de “morfologia”, de sintaxe determinada – por exemplo, **a existência de uma distinção gramatical de feminino** em indo-europeu, ou a presença de um ò cacuminal em sânscrito, - isso significa que ele quis estudar um certo setor de **fatos negativos e desprovidos, em si mesmos, de sentido e de existência** (...) (Saussure, 2004 p. 61; grifo nosso).

Assim, referindo-se à teoria do valor, Saussure aponta para a natureza dos fatos lingüísticos em geral, tanto gramaticais quanto lexicais. Na citação acima, o fato gramatical da distinção de gênero é tomado como exemplo.

Para introduzir nossa reflexão em torno da categoria gramatical de gênero e a teoria do valor, retomaremos algumas passagens do *Curso de Lingüística Geral* em que o autor trata da teoria do valor do signo lingüístico.

No primeiro parágrafo do IV capítulo intitulado, *O valor lingüístico*, Saussure afirma que para entender por que a língua é um sistema de valores puros basta considerar dois elementos do seu funcionamento, as idéias e os sons. Ao mostrar que o pensamento é “uma massa amorfa e indistinta” tanto quanto os sons, Saussure delimita o papel da língua frente ao plano das idéias e dos sons, a de “servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitação recíproca de unidades.” Assim, fica claro que não há “nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas.” (Saussure, 2001 [1916] p.131)

Para explicar melhor esta questão, Saussure recorre a uma metáfora e compara a língua a uma folha de papel: “ o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som;” (Saussure, op. cit. p.131)

Desse modo, Saussure explicita que a língua estabelece uma união indissolúvel e arbitrária entre elementos de duas ordens, o plano das idéias e o plano dos sons, resultando em uma forma, não uma substância.

No subtítulo, *O valor lingüístico considerado em seu aspecto conceitual*, Saussure adverte para a confusão que pode se estabelecer entre o valor e o que se chama significação. O autor afirma que o valor, tratado em seu aspecto conceitual, constitui um elemento da significação, mas esta (a significação), apesar de estar sob a dependência do valor, deste se distingue. Isso é, valor e significação são elementos diferentes.

Segundo o autor é importante traçar essa diferença, caso contrário se corre o risco de reduzir a língua a uma simples nomenclatura, ou seja, de afirmar a anterioridade e autonomia do significado relativamente ao significante.

Tal questão é delicada porque se dá sob forma de um princípio paradoxal: “de um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua.” (Saussure, 2001 [1916] p.133). Assim, um signo não possui identidade em si mesmo, mas na relação com os outros signos do sistema.

Para deixar clara a diferença entre o valor e significação, Saussure a faz notar através de exemplos de palavras como *mutton* e *sheep* que tem a mesma significação em francês e inglês, mas não o mesmo valor, bem como através de exemplos de fatos gramaticais como o plural em sânscrito e francês, em que não há correspondência exata de valor.

Poderíamos assim resumir o valor lingüístico considerado no seu aspecto conceitual:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. (Saussure, 2001 [1916] p. 136)

Ao discorrer sobre o valor lingüístico no seu aspecto conceitual, Saussure se refere também à parte material da língua, pois seu funcionamento é regido pelos mesmos princípios que regem o signo, isto é, “o que importa na palavra não é o som em si, mas diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação.” (Saussure, op. cit p.136-37).

As reflexões de Saussure sobre *o signo considerado na sua totalidade* – quarto subtítulo do capítulo em questão – trazem importantes apontamentos em relação à diferença entre valor e significação, um deles é o reconhecimento da positividade do signo lingüístico. Cito o autor:

Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem.(...) Conquanto o significado e o significante sejam considerados cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo. (Saussure, op. cit. p. 139)

Assim, segundo Saussure, ao tomarmos a relação entre significante e significado, estamos diante da oposição – o valor de um termo é determinado por aquilo que o rodeia - e não diante da diferença. Isso coloca para o signo a positividade e a oposição como um de seus princípios e, a diferença e a negatividade, como princípios do valor. O autor, ao distinguir as relações existentes entre significado e significante e entre um signo e outro, enfatiza a tarefa da instituição lingüística, qual seja, de manter o paralelismo entre as duas ordens de diferença em que o signo se constitui.

É importante atentar, que ao reconhecer a positividade do signo, Saussure dá mais um passo em direção à diferença entre o valor e significação e, conseqüentemente, afirma o funcionamento paralelo de duas ordens diferentes no sistema.

Dando continuidade à teorização da noção de valor, diz Saussure:

O que é verdadeiro do valor o é também da unidade. (...) um e outro são de natureza puramente diferencial. Aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade. (Saussure, 2001 [1916] p.140- 41)

O que se depreende destas formulações é que unidade e signo não são a mesma coisa, já que o signo responde pela positividade e, a unidade, pela diferença. Desse modo, Saussure aponta para a dissociação entre diferença e oposição enquanto tipos de relações que engendram o sistema da língua.

Podemos dizer que Saussure associa, por um lado, o signo, a positividade e a oposição e, por outro, o valor, a unidade, a negatividade e a diferença. Ainda neste capítulo, o autor chama a atenção para o alcance do princípio de diferenciação aplicado à unidade, aproximando unidade e fato gramatical: “Outra consequência, bastante paradoxal, desse mesmo princípio: o que se chama comumente de um ‘fato de gramática’, responde, em última análise, à definição de unidade (...)”. (Saussure, op. cit. p. 141) .

É muito importante nos determos na diferença entre unidade e signo e na aproximação entre unidade e fato de gramática, pois, do nosso ponto de vista, nessa passagem a diferença entre significação e valor se sustenta na noção de categoria gramatical; sendo assim, a aproximação promovida por Saussure é necessária e não deve ser vista como um ponto de tensão nesse capítulo.

1.1 Valor e fato gramatical

Nosso ponto de vista encontra apoio no que se depreende das palavras de Saussure ao falar da categoria gramatical, registradas nos *Escritos de Lingüística Geral*:

Uma *categoria gramatical*, como a categoria de *genitivo*, por exemplo, é uma coisa completamente inacessível, uma palavra verdadeiramente destituída de sentido, no emprego que dela fazemos diariamente. Nós não queremos dizer, o que é evidente logo de início, que essa categoria não seja necessária para o espírito, nem representada com necessidade nas diferentes línguas que se examinará, nem uma naquilo que abrange, em geral ou em particular, em tal língua. Nós queremos dizer que, numa língua determinada, em que existe o “genitivo”, não se sabe jamais o que é entendido, de momento a momento, de página a página, de linha a linha, por essa palavra “genitivo” ou o que se quer exatamente generalizar quando se fala da categoria genitivo, de que usufrui a gramática dessa língua (...) (Saussure, 2004 p. 53; grifo do autor).

Lembramos que na ciência gramatical o caráter formal da língua é reafirmado, visto que esta repousa única e necessariamente na noção de categoria, isto é, interessa-lhe, antes de tudo, a ordem formal. Segundo Hjelmslev, devemos “entender por forma no solo la forma del signo mesmo, tomado aisladamente, sino igualmente la forma que impone el signo a la serie articulatória en que se integra” (L. Hjelmslev, 1976 p. 128). Diz ainda que a forma gramatical é um princípio diferente tanto do aspecto fônico como da significação, isto é, com elas não deve se confundir. Neste sentido, no que diz respeito à categoria gramatical

de gênero, está a própria palavra gênero que na sua origem etimológica, do grego *γένος* e do latim *genus*, significa “classe” ou “tipo”, um conceito genérico que não está ligado diretamente à oposição masculino/feminino.

Um exemplo citado por Jakobson, no seu livro *Linguística e comunicação*, na parte em que reflete sobre “A concepção de significação gramatical segundo Boas”, ajudará a mostrar a diferença entre valor e significação em relação à categoria gramatical de gênero na língua.

Jakobson contrapõe as línguas russa e inglesa para explicitar, de acordo com o ponto de vista do antropólogo americano Franz Boas, a distinção das categorias gramaticais das significações lexicais:

Se um russo diz: *Ja napisal prijatelju* (“Escrevi a um amigo”), a distinção entre o caráter definido ou indefinido do complemento (“o” contraposto a “um”) não é expressa, ao passo que o aspecto verbal indica que a carta foi terminada, e o sexo do amigo é indicado pelo gênero masculino. Como, em russo, tais conceitos são gramaticais, não podem ser omitidos na comunicação, ao passo que, diante da mesma frase em inglês: *I wrote a friend*, as perguntas de se a carta foi concluída e se foi endereçada a um amigo ou a uma amiga podem ser abruptamente respondidas com um “Não é da sua conta” (Jakobson, 2005 p.90-91).

Esta citação evidencia que a distinção de gênero responde ao funcionamento estrutural imanente à gramática das línguas já que, como sublinha Jakobson, tal conceito é gramatical, podendo, por isso mesmo, ser ou não omitido na frase.

Segundo Hjelmslev (1976), grande parte dos estudiosos da gramática admitem um certo número de categorias que são formais sem serem significativas. Nessas categorias, o conteúdo significativo seria unicamente uma verdade diacrônica, visto que, o que teria provocado o surgimento da categoria em questão seria de ordem significativa na sua origem, mas teria desaparecido preservando, no momento atual, apenas seu aspecto formal; o gênero gramatical seria um exemplo clássico deste fenômeno.

Um dos mais importantes estudos diacrônicos sobre a categoria de gênero foi realizado por Antoine Meillet (1965), notável lingüista francês e aluno de Saussure. Em seu estudo, Meillet defende que nas línguas indo-européias primeiramente havia uma distinção entre animado e inanimado. Os gêneros masculino e feminino designavam os seres animados, do sexo macho e fêmea e, o inanimado, compreendia o neutro. Contudo, a distinção entre masculino e feminino não era muito clara, nem entre si, nem entre ambos e entre o neutro; assim o que caracterizava o gênero nessas línguas era a oposição de ordem semântica entre animado e inanimado e não uma distinção formal dos gêneros masculino, feminino e neutro.

Segundo o autor, nas línguas indo-européias, do ponto de vista da flexão o masculino não se distinguia em nada do feminino, assim como bem exemplifica o latim, em que a flexão de *mater* não se distingue de *pater*, ou como o feminino *fagus* do masculino *lupus*, por exemplo. Desse modo, Meillet observa:

(...) as palavras *pater* e *lupus* são masculinas porque se lhes aplica adjetivos das formas *iste*, *bonus*; *mater*, *fagus* são femininos porque se lhes aplica adjetivos da forma *ista*, *bona*. Sem a concordância do adjetivo, a distinção do masculino e do feminino não existiria em indo-europeu. (Meillet, 1965 p. 212; tradução nossa)

Neste exemplo, no latim, o gênero se manifesta como um fenômeno de concordância na cadeia sintagmática, isto é, o adjetivo caracteriza o substantivo através da concordância e não esse em si. Assim, a partir das formulações de Saussure, Hjelmslev, Jakobson e Meillet, é possível afirmar que a categoria gramatical de gênero é senão uma categoria que resulta do próprio funcionamento da língua.

Certamente, essas considerações trazem para nossa discussão a questão das unidades, pois afirma Saussure: “se poderia muito bem abordar o problema das unidades começando pelos fatos de gramática” (Saussure, 2001 [1916] p. 141).

1.2 Unidade e fato gramatical

Ao aproximar unidade e fato de gramática, Saussure se vale da formação do plural em alemão, exemplo em que nos deteremos para tentar mostrar o problema da delimitação da unidade e fato gramatical aí implicados:

(...) tal oposição resulta particularmente significativa; por exemplo, a formação do plural alemão do tio *Nach* : *Nächte*. Cada um dos dois termos **confrontados no fato gramatical** (o singular sem metafoia e sem *e* final, oposto ao plural com metafoia e *-e*) está constituído por todo um jogo de oposições dentro do sistema; tomados isoladamente, nem *Nach* nem *Nächte* são nada; logo tudo é oposição. (...) mas unidade e fato de gramática são apenas nomes diferentes para designar aspectos diversos de um mesmo fato geral: o jogo das oposições lingüísticas. (Saussure, 2001 [1916] p. 141; grifo nosso)

É importante atentar, que para Saussure, o que está em jogo na oposição entre *Nach* : *Nächte* é a diferença enquanto fato gramatical na formação do plural, por isso uma oposição de termos particularmente significativa. Cabe aqui lembrar que, na definição de signo, Saussure afirma que um significante é constituído por uma imagem acústica e verbal e que “é fundamental observar que a imagem verbal não se confunde com o próprio som e que é psíquica” (Saussure, op. cit. p. 20). De acordo com esta definição, Hjelmslev (1976) afirma que o significante compreende precisamente uma imagem acústica, de uma parte, e uma imagem gramatical de outra. Portanto, neste exemplo dado por Saussure, não é o aspecto fônico do significante que é tomado como referência na delimitação de uma unidade, mas a forma. Em concordância com isso está o que diz o autor na definição das unidades: “a unidade não tem nenhum caráter fônico especial e a única definição que dela pode se dar é a seguinte: *uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que se segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito*” (Saussure, op. cit., p. 120; grifo do autor).

Sabemos que uma categoria gramatical não existe sem uma forma determinada, isto é, uma categoria gramatical se caracteriza por propriedades formais constantemente presentes no interior da categoria e nunca se encontram fora dessa mesma categoria (Hjelmslev, 1976). Assim, uma categoria gramatical supõe uma relação interna, autônoma em referência ao significado.

Com efeito, as reflexões de Saussure sobre a teoria do valor nos colocam diante de uma combinação de pura diferença que se dá sob efeito de um corte na cadeia significativa. Para deixar mais claro, tomo como questão o que afirma Saussure nos *Escritos de Linguística Geral* sobre a categoria do genitivo: “Ora, entende-se por genitivo, em grego, a ‘a distinção

gramatical do genitivo' de uma certa idéia superior aos signos, exterior aos signos, independente dos signos, planando no domínio da idéia pura (...) (Saussure, 2004 p. 53).

Define-se, assim, um caminho para tentar responder a questão que se segue à afirmação de Saussure: “Deve-se procurar a unidade concreta da língua fora da palavra”. (2001 [1916] p. 120) Onde?

1.3 Sujeito falante e fato gramatical

Contudo, se no *Curso de Lingüística Geral*, o problema das unidades é apresentado como uma questão em referência à teoria do valor, ela também a ultrapassa na medida em que coloca em cena o sujeito falante (Lemos, C. 2009).

Importa atentar para o modo como o sujeito falante está aí implicado, isso é, na delimitação de uma unidade, o sujeito aparece ao lado da significação; o sujeito é aquele que, por saber o significado, decide sobre a delimitação:

Considerada em si própria, ela [a cadeia fônica] é apenas uma linha, uma tira contínua, na qual o ouvido não percebe nenhuma divisão suficiente e precisa; para isso cumpre apelar para as significações. (Saussure, 2001 [1916] p. 120)

E adiante:

Quem conheça uma língua delimita-lhe as unidades por um método bastante simples, pelo menos em teoria. Consiste ele em colocar-se a pessoa no plano da fala, tomada como documento da língua, e em representá-la por duas cadeias paralelas: a dos conceitos (a) e das imagens acústicas (b). (Saussure, op. cit., p. 121)

Desse modo, como conceber o sujeito entre o funcionamento paralelo de duas ordens, por um lado, o corte de pura diferença na cadeia significante - estrutura que supõe a exclusão do sujeito em relação a ela- e, por outro, a significação que implica um sujeito?

Nesse sentido, o episódio de fala² retirado do livro do psicanalista francês, Gérard Pommier, *A exceção feminina*, em que a questão da diferença sexual está implicada, servirá para mostrar que o encontro da ordem própria da língua e o sujeito falante não pode se dar sem conflito, sendo, por isso mesmo, um lugar possível de emergência para o sujeito.

- *Uma vez quando eu era criança, minha mãe estava tomando banho, eu olhava para ela e de repente senti absoluta necessidade de ir roubar um bombom no seu armário. (...) - Quando roubei o bombom daquele armário, parece-me que realizei meu primeiro ato. Digo meu primeiro ato pondo aí um sentido masculino. Esse roubo de bombom é meu primeiro ato masculino. Agora sei porque tenho esta certeza. Independentemente da lembrança de que falei na última sessão, e à qual só agora posso juntá-lo, lembrei-me de um detalhe da minha maneira de falar. Durante muito tempo, fui incapaz de saber se armoire³ era do gênero masculino ou feminino. Mais exatamente, eu tinha a tendência a colocar essa palavra no masculino, mas quando o fazia logo ficava em dúvida. Para acabar com essa hesitação, empregava um recurso mnemônico cujo o sentido me parece hoje em toda a sua extensão.*

² O episódio se refere à transcrição de um fragmento clínico de uma paciente em sessão de psicanálise com o autor.

³ Armário, em português.

Quando tinha que escrever ou pronunciar armoire eu pensava em incendie⁴. A palavra incendie termina pela letra “e”, e no entanto é masculina; constitui uma exceção na língua. Tem uma aparência feminina, mas não o é. (Pommier, 1987, p. 12-13-14; grifo do autor.)

Assim, o episódio acima evidencia que para o sujeito a questão da diferença sexual se dá na sua relação com a língua. Graças à gramaticalidade da língua, a dúvida se instaura do lado sujeito, convocando-o neste lugar de indeterminação e discordância. O ato do sujeito em aproximar no jogo mnemônico os significantes *aimore / incendie*, mostra que a significação não é a coisa nomeada, mas que cada termo da língua se define com relação aos outros termos.

No exemplo dado, o saber sobre a diferença sexual, isto é, aquilo que permanece enigmático, o sujeito o encontra na definição por oposição de significantes; um significante representa para outro significante.

Neste ponto do trabalho, cabe dizer que discorrer sobre a questão da diferença sexual exigiria uma discussão que foge aos limites deste artigo, já que este tema é bastante amplo e complexo. Por isso, para que o leitor nos acompanhe daremos uma brevíssima noção.

Sabemos que quando uma criança nasce, ou até mesmo antes de seu nascimento, os pais a situam de um lado ou do outro no campo da sexualidade. Assim, o sexo da criança, menino ou menina, é nomeado a partir de uma diferença discernível no real do seu corpo, isto é, em conformidade com seus órgãos sexuais. Colocada desta forma, a questão da diferença sexual parece redutível à anatomia, mas, como seres de linguagem que somos, é como efeito de significante que a diferença sexual interessa. O significante determina efeitos de significação, estabelece relações e diferenças. Ser menina ou menino é, então, para uma criança, a primeira divisão introduzida pelo significante que a situa no campo do Outro. Sobre isto Marta Ferreira (2008) afirma:

Tomemos a definição canônica de Lacan: um significante é o que representa um sujeito para outro significante. Se a criança recebe este significante que vem do Outro, ela se constitui, de saída, dividida pelo significante. Daí a acepção do sexo como “corte”, a estranheza, o desconforto e a insatisfação próprios da relação do falante ao sexo. (Ferreira, op.cit. p.11)

Assim, “a própria estrutura da língua, sua dinâmica, descreve um vazio que o ser humano é chamado a habitar” (Pommier, 1987, p.108). Neste sentido, o Outro – tesouro dos significantes- não pode dizer sobre a diferença sexual, para isso seria preciso uma homogeneidade entre o sujeito e a linguagem, o que não é possível, visto que a relação do sujeito com a língua implica divisão. Por isso, podemos dizer da hipótese que movimenta nosso trabalho: a diferença sexual está, por definição, no vazio que escapa ao sujeito.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, M. *A diferença sexual (não) é brincadeira*. In: Revista Literal. Campinas, v.11 (11-26), 2008.

HJELMSLEV, L. *Principios de gramática general*. Madrid: Gregos, 1976.

⁴ Incêndio, em português. Em francês, *armoire* é um substantivo feminino, e *incendie*, masculino.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2005.

LE MOS, C. Poética e Significante. *Letras & Letras, volume25* (UFU), 2009, pp.207-218.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique generale*. Paris: Honore Champion, 1965.

POMMIER, G. *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

SAUSSURE, F. De. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.